

josé carlos da rocha



“Quando percebi isso, subi na janela e alcancei as telhas  
para aconselhá-la:

- É assim mesmo - eu disse. – O mundo fora de minha cabeça tem janelas, telhados, nuvens, e aqueles bichos brancos lá embaixo. Sobre eles, não te detenhas demasiado, pois correrás o risco de transpassá-los com o olhar ou ver neles o que eles próprios não veem, e isso seria tão perigoso para ti quanto para mim violar sepulcros seculares, mas, sendo uma borboleta, não será muito difícil evitá-lo: bastará esvoaçar sobre as cabeças, nunca pousar nelas, pois pousando correrás o risco de ser novamente envolvida pelos cabelos e reabsorvida pelos cérebros pantanosos e, se isso for inevitável, por descuido ou aventura, não deverás te torturar demasiado, de nada adiantaria, procura acalmar-se e deslizar para dentro dos tais cérebros o mais suavemente possível, para não seres triturada pelas arestas dos pensamentos, e tudo é natural, basta não teres medos excessivos – trata-se apenas de preservar o azul das tuas asas.”

(ABREU, 1996)





O texto de Caio Fernando Abreu confabula com uma história de borboletas em que a subjetivação toma forma de uma ficção para quem a lê, mas que atravessa e que está presente na vida em diferentes relacionamentos entre as pessoas. Assim, identifico vivências e experiências singulares, em que o conhecido se torna desconhecido, o imprevisível previsível, que uso como referencial e base para o relato da minha história ficcional.

Em outra perspectiva, Manoel de Barros escreve: “eu penso renovar o homem usando borboletas”, uma metamorfose imaginária ao ser humano, que, ao mesmo tempo, rasteja e voa para lugares desconhecidos, que sai de dentro de si e vai para o lado de fora.

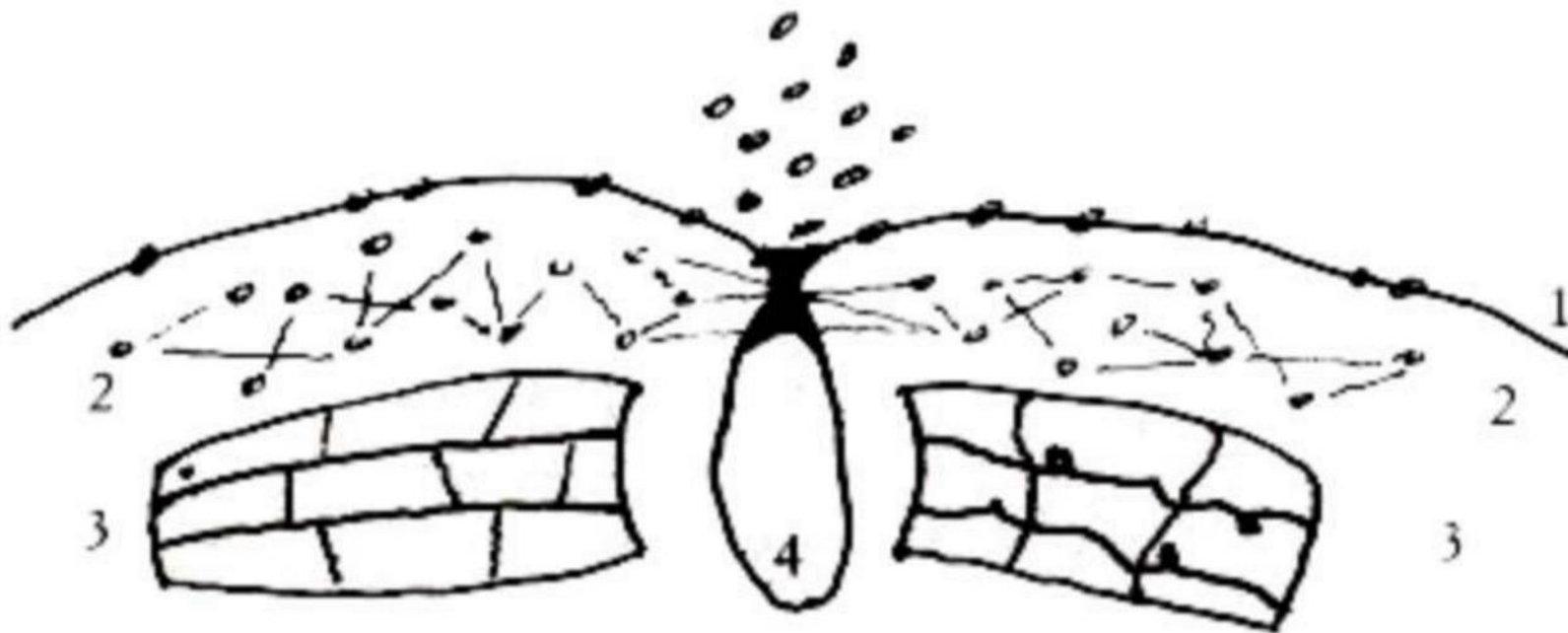
Penso que as fronteiras conhecidas podem ser rompidas em busca de novos caminhos desconhecidos e de novos espaços não imaginados. Minhas experiências mostram a impotência em adentrar as fronteiras do outro. Aprendi que o lado de fora do outro não está sob meu controle, e sim da sua própria vontade, quando seus desejos ficam acima das regras, normas e fronteiras...





No mundo de fora, a liberdade não tem limites. Alguns a consideram *loucura!* E não existe código nem senha para acessá-la. O fora é um mundo que ninguém acessa, assim como os espaços inacessíveis entre as asas de uma borboleta quando estão dobradas. Pergunto: será que o cérebro fica demasiado esticado pelos efeitos de algum pensamento, não voltando mais ao seu estado anterior? Será que as forças de fora atuaram acima da sua capacidade de resistência? Há como reformatar após o estiramento?

Perguntas que me fazem pensar para reencontrar e reaver o que perdi nas minhas experiências com o outro. Que forças atuam nos seus pontos singulares “selvagens” no lado de fora? Que afetos ativos e reativos constituem sua interioridade de espera? Perguntas que faço, as quais constituem e fazem parte do sujeito no lado de fora do Diagrama de Foucault (Fig. 1).



Nessa direção, Deleuze retrata no Diagrama de Foucault (Fig. 1) as dobras como zona de subjetivação, lugar onde o indivíduo é senhor de si, de suas moléculas e de suas singularidades, nessa zona de subjetivação: a embarcação como interior do exterior. (DELEUZE, 2005).

**Fig. 1 – Diagrama de Foucault**

- 1 Linha do lado de fora
- 2 Zona estratégica
- 3 Estratos
- 4 Dobra (zona de subjetivação)





Ainda persisto em muitas perguntas que me movem: Que sensibilidades estão adormecidas e que estão latentes para serem estimuladas ou em ebulição inesperada entre o meu mundo e o mundo de quem amo? Que marcas de destruição e devastação esses dois mundos podem registrar no corpo e na mente entre si após uma colisão de estranhamento?

A subjetivação se faz por dobras, sendo a primeira dobra a parte material de nós mesmos, corpo/prazer ou carne/desejo; a segunda, pela relação de força de punir, educar; a terceira, do estrato do saber que envolve o ver e o dizer; e, por última dobra, é o próprio lado de fora, que é uma batalha em que o tempo se torna sujeito. (DELEUZE, 2005).

Fonte própria: Fotografia e Obra, 2018.

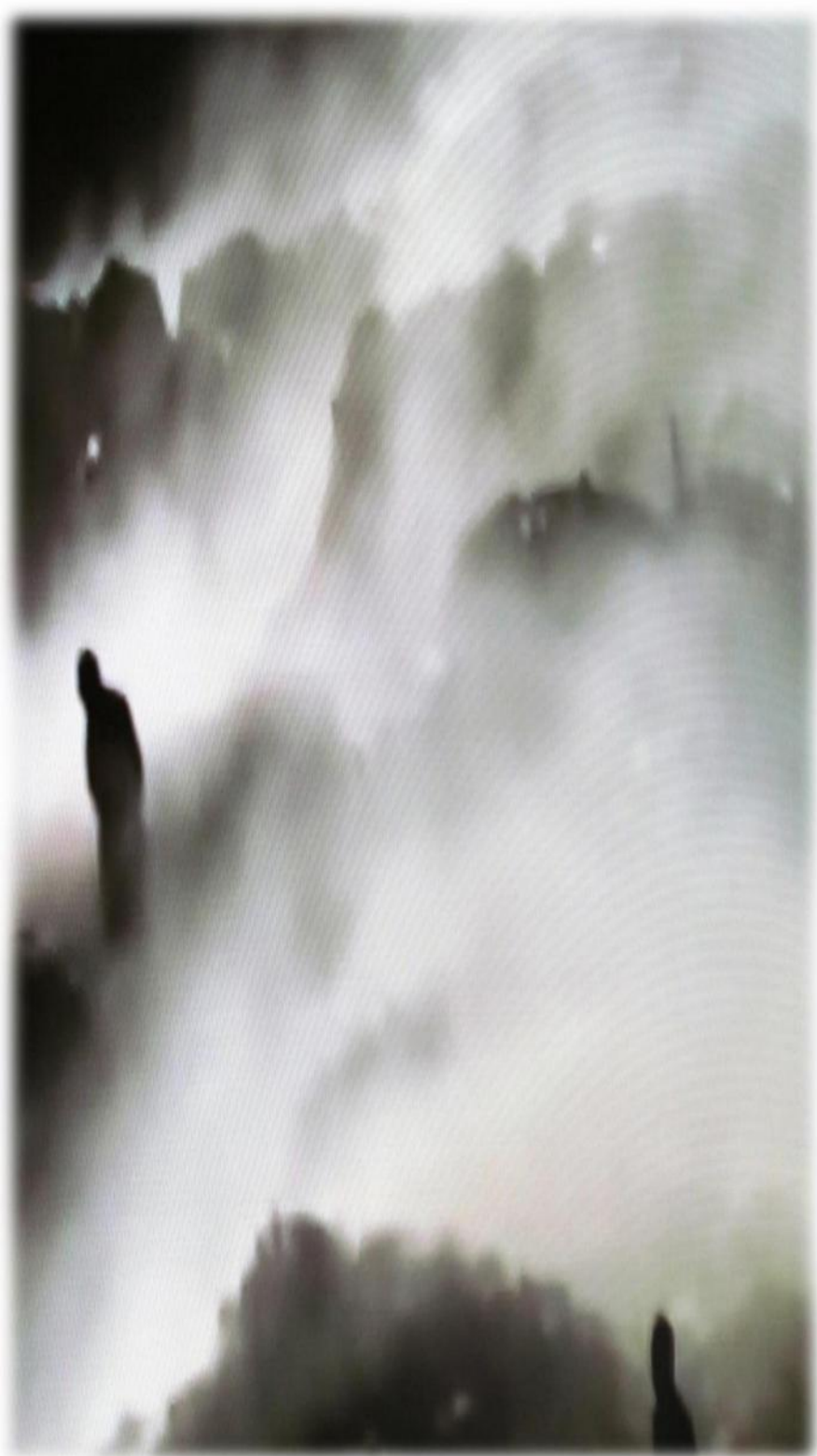


Distante de fronteiras conhecidas, onde penetram todas as dores e errâncias, constituindo caminhos que se bifurcam diante de mim em entradas e saídas, onde o horizonte aparece e desaparece, e as direções mudam inesperada e imprevisivelmente, nada é seguro, tudo é impermanente. Um mar de sangue, suor e lágrimas, um pesadelo de um sonho acordado. De abraços rejeitados. Ser conhecido a desconhecido simultaneamente. O tempo deixa rastros e vestígios, que o sol ilumina e a noite chega e os esconde.

Seu corpo preso, encarcerado, e o seu pensamento não tem órbita. As paredes como redes, regras e limites. Os pensamentos atravessando todas as resistências. As substâncias que transportam e interrompem suas viagens do mundo de fora. O sorriso e a fala congelados pela máscara da indiferença, substituídos pelo isolamento e o rompimento de tudo. As ações e reações impensadas. Os delírios, os sonhos, as visões de um mundo além-mundo. Uma viagem sem volta. Onde está o limite de sua liberdade? Há limites?

Deslocamentos não previstos nem imaginados. As loucuras de um ato incompreendido. Fugir e deixar o outro na estrada da vida, desesperado, chocado e abandonado.





Muitas experiências atravessam meu corpo e minha mente.

As dobras do encontro e dos enfrentamentos. A luta pela significação e compreensão do outro. A busca pelo incompreendido e desconhecido.

As vezes choro oceanicamente, à procura de razões e desrazões, de respostas e perguntas, de culpas e desculpas, de ver e dizer, de amar e desamar. Fiz muitas coisas que parecem sem sentido. Assim me confronto com as fissuras e rachaduras que me constituem.

“E devo dizer ainda que gostaria de vê-lo feliz, apesar de tudo o que me fez sofrer nos últimos tempos.”  
(ABREU, 1996).

Outro dia vi uma pessoa que me lembra de você. Mesmo desfolheado pelas vicissitudes da vida, repleto de noites em que a espera pelo amanhecer fazia o tempo alongar-se infinitivamente, cujos sonhos e desejos são esvaziados para dar lugar a um mundo desconhecido e estranho a ser visto e compreendido. Assim, perdendo-se ou encontrando-se no seu próprio mundo, você é amado e compreendido. Eu amo você, não precisa me amar, extensão de mim.

Fotografia: Fonte própria



ABREU, Caio Fernando. Uma história de borboletas. In: \_\_\_\_\_. **Pedras de Calcutá**. São Paulo: Companhia de Letras, 1996. p. 98-108.

BARROS, Manuel de, Lafer, Adriane. **Arquitetura do Silêncio**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio de Janeiro, 2015.

DELEUZE, Gilles. **FOUCAULT**. São Paulo: Editora brasiliense, 2005.